Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um relato de experiência no PIBID

STORYTELLING AS A PEDAGOGICAL PRACTICE FOR CHILD DEVELOPMENT IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: An experience report at PIBID

Márcia Daniele Gonçalves Kulmann
Discente de Pedagogia, Universidade Estadual do RS
E-mail: marcia-kulmann@uergs.edu.br

Adriana Barni Truccolo
Mestre em Ciências da Saúde, Universidade Estadual do RS
E-mail: adriana-truccolo@uergs.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na Universidade Estadual do RS, cujo foco foi a contação de histórias como prática pedagógica na Educação Infantil. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a contribuição de se contar histórias, utilizando recursos lúdicos para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças da Educação Infantil; e os objetivos específicos foram: Investigar se a contação de histórias contribui para o progresso da linguagem oral das crianças; investigar como as práticas lúdicas associadas à contação de histórias contribuem para uma melhor interação entre as crianças; analisar as formas como as crianças expressam ou não as emoções e sentimentos trabalhados nas histórias. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, de campo, do tipo intervenção pedagógica, aplicada em turmas de Educação Infantil de uma escola municipal do Rio Grande do Sul. As intervenções ocorreram semanalmente, entre março e junho de 2025, totalizando dez oficinas de contação de histórias, acompanhadas por registros em diário de campo, imagens e observações. A contação de histórias constitui uma prática pedagógica rica e significativa contribuindo efetivamente para a expansão do universo linguístico das crianças na Educação Infantil, fortalecendo aspectos essenciais da linguagem como a escuta, a oralidade, o vocabulário e a capacidade de expressão simbólica. Também se observou que a história contada e carregada de elementos lúdicos, estimula a criança ao reconto da história, algumas vezes através de desenho, com mais entusiasmo, mais detalhes, favorecendo a interação e o fortalecimento de vínculo entre as crianças e entre as crianças e a professora, contribuindo para o desenvolvimento socioafetivo. Conclui-se que a contação de histórias se constitui como uma prática pedagógica essencial na Educação Infantil, indo além do caráter lúdico e assumindo papel central no desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de histórias. PIBID.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

Abstract

This paper presents an experience report developed within the scope of the Institutional Program of Teaching Initiation Grants (PIBID) at the State University of Rio Grande do Sul, which focused on storytelling as a pedagogical practice in Early Childhood Education. The general objective of the research was to analyze the contribution of storytelling, using playful resources, to the cognitive, social, and emotional development of children in Early Childhood Education. The specific objectives were: to investigate whether storytelling contributes to the development of children's oral language; to investigate how playful practices associated with storytelling contribute to better interaction among children; and to analyze how children express, or fail to express, the emotions and feelings explored in the stories. The methodology used was qualitative field research, a pedagogical intervention, applied to Early Childhood Education classes at a municipal school in Rio Grande do Sul. The interventions took place weekly between March and June 2025, totaling ten storytelling workshops, accompanied by field diary records, images, and observations. Storytelling is a rich and meaningful pedagogical practice that effectively contributes to expanding children's linguistic capabilities in Early Childhood Education, strengthening essential aspects of language such as listening, speaking, vocabulary, and the ability to express themselves symbolically. It has also been observed that a story, when told and loaded with playful elements, encourages children to retell the story, sometimes through drawing, with greater enthusiasm and detail, fostering interaction and strengthening bonds between children and the teacher, contributing to socio-affective development. It is concluded that storytelling is an essential pedagogical practice in Early Childhood Education, going beyond its playful nature and assuming a central role in the child's comprehensive development.

Keywords: Early Childhood Education; Storytelling; PIBID.

1. Introdução

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, é oferecida em creches (zero a três anos) e pré-escolas (quatro a seis anos), no período diurno, em jornada parcial (mínimo 4h) ou integral (≥7h) (Brasil, 2009), sendo dever do Estado garantir a oferta de educação infantil pública, gratuita e de qualidade (Brasil, 1988). Tem como objetivo principal o desenvolvimento pleno da criança até os seis anos, abrangendo os aspectos físico, emocional, intelectual e social, em complemento ao que é oferecido pela família e pela comunidade (Brasil, 1996).

Neste contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) surgem para orientar o planejamento curricular das escolas, considerando dois grandes eixos norteadores, as interações e as brincadeiras; considerando os princípios éticos, políticos e estéticos; considerando a indissociabilidade entre o cuidar e educar; e percebendo a criança como ser integral que se relaciona com o mundo a partir do seu corpo em vivências concretas com diferentes parceiros e em

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

distintas linguagens (Brasil, 2009).

É nesta etapa que a criança deixa de conviver apenas com a sua família e passa a interagir com outras crianças e adultos. As crianças bem pequenas (19 meses a 3 anos e 11 meses) e pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) demandam dos educadores uma abordagem pedagógica que priorize as relações e interações, além de práticas educativas planejadas para enriquecer suas vivências diárias e facilitar seus processos de aprendizagem no ambiente coletivo, diferenciando-se de uma pedagogia voltada exclusivamente para resultados individualizados em diversas áreas do conhecimento (Barbosa, 2009).

A educação infantil é a primeira experiência de convívio da criança na diversidade, com outras crianças e suas outras infâncias. Cabe à escola, à professora criar um ambiente acolhedor e seguro, oferecendo-lhes experiências significativas, com intencionalidade pedagógica, onde se sintam encorajadas a descobrir e a inventar, onde sejam ouvidas com atenção e se sintam o centro do processo educativo.

Crianças bem pequenas e crianças pequenas permanecem pouco tempo concentradas nas atividades uma vez que seu sistema cortical está em desenvolvimento. Quanto maior a criança maior será o tempo em que consegue manter a atenção pois o seu cérebro já apresenta maior maturidade (Brites, 2025). As conexões entre as células nervosas do cérebro são formadas toda vez que uma criança interage com seu ambiente ou com outras pessoas. Como “90% das conexões cerebrais são formadas até os 6 anos de idade, é neste período que o cérebro mais precisa de estímulos – intelectuais, afetivos, físicos e sociais” (Unicef, 2025, *internet*). Assim, a influência que os cuidados e o ambiente externo têm sobre as conexões cerebrais torna os primeiros anos de vida um período fundamental para estimular as crianças em um ambiente acolhedor, com cuidado, afeto, carinho e interações frequentes.

Uma forma de estimular as crianças é através de atividades lúdicas, que sejam motivadoras e que despertem a imaginação e a contação de histórias pode ser uma estratégia pedagógica de sucesso.

O hábito de contar histórias passou a existir muito antes dos registros escritos, nas sociedades primitivas. A finalidade não era literária e sim manter viva a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

historicidade e o conhecimento de um povo, as crenças, os mitos, as descobertas e os costumes a serem preservados pela comunidade (Frazão, Félix e Santos, 2020). As histórias literárias com perfil infantil surgiram na Europa e no Oriente a partir de livros direcionados para o público adulto, que no Brasil foram traduzidos por escritores brasileiros como Olavo Bilac e José de Alencar (Frazão, Félix e Santos, 2020).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que estabelece as competências e habilidades esperadas em cada etapa da educação, menciona a contação de histórias como um dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiências "escuta, fala, pensamento e imaginação" para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) dizendo o seguinte: "criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos" (Brasil, 2017, p. 50). Contudo, salienta que a literatura não tem função formativa conteudista, mas sim como fonte criativa no caminho do desenvolvimento infantil.

Aqui abre-se um parêntese para fazer a distinção entre a contação e a leitura de história. A contação de histórias refere-se a uma narrativa oral transmitida pela voz do contador, sem depender diretamente de um texto escrito. Dessa forma, o texto é flexível e se modifica nas apresentações orais do contador, "o qual pode acrescentar ou modificar palavras e expressões, conforme sua performance textual. O narrador vivencia a história, corporifica o texto, com sua voz, seu corpo, sua expressão rítmica da linguagem, torna viva a própria história" (Goulart e Nascimento, 2025, p. 5). Por outro lado, a "leitura é a transmissão vocal de um texto escrito, sem interferência, omissão ou alternância de palavras da pessoa que realiza a vocalização do texto, remetendo à leitura do texto na íntegra" (Goulart e Nascimento, 2025, p. 6).

A importância de contar histórias se traduz por enriquecer as experiências infantis e desenvolver diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, e ajudando na formação do caráter, e no desenvolvimento da confiança e do imaginário da criança (Truccolo, Machado e Quintana, 2023).

Segundo Piaget (1978), a contação de histórias contribui para a formação humana ao estimular a imaginação, a atenção e o desenvolvimento da linguagem. O

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

autor destaca que a criança aprende por meio da interação com o ambiente social em que está inserida, através de brincadeiras e jogos, favorecendo aprendizagens que tenham coerência e significado, e proporcionando na criança a experimentação de diversas emoções e sentimentos, como: surpresa, alegria, entusiasmo, medo, susto, entre outras emoções.

Oliveira (2008), complementa e enfatiza que, sendo a Educação Infantil uma fase essencial para o desenvolvimento integral da criança, o ato de contar histórias, como prática pedagógica, favorece positivamente o aspecto emocional, estimulando a construção do pensamento pela criança.

A contação de histórias é uma prática pedagógica que possibilita o acesso a diferentes culturas, valores e gêneros textuais, como fábulas, contos de fadas, contos de mistério, lendas, poesias, histórias de fantasia, de aventura, de animais, entre outros. Além disso, essa prática favorece o aprendizado de novos conhecimentos, desenvolvendo tanto a capacidade cognitiva quanto motora da criança. “As histórias infantis [...] permitem à criança ampliar sua visão de mundo, desenvolver a linguagem oral e escrita, estimular a imaginação, a criatividade e a construção de valores.” (Kishimoto, 2011, p. 32)

Ao vivenciar momentos de escuta e participação nas histórias, a criança exercita habilidades essenciais como a oralidade, socialização, a escuta ativa, a imaginação e a criatividade. Dessa forma, aprende a se expressar, compreende melhor o mundo ao seu redor e constrói sua identidade, envolvendo-se em aspectos sociais e afetivos fundamentais para sua formação integral (Chagas et al, 2024).

Martins (2017) ressalta que a escuta e a participação ativa das crianças durante a contação de histórias são fundamentais para a formação do indivíduo. A criança, por meio dessa vivência, aprende a se comunicar, a imaginar, a socializar, a respeitar o outro e a construir significados a partir de suas próprias vivências.

A imaginação da criança é uma das capacidades mais exercitadas na contação de história, pois é imaginando que a criança irá desenvolver a sua criatividade e ter a capacidade de resolver problemas e conflitos. Também propicia o entendimento das histórias, fazendo que assim a criança consiga interpretar os acontecimentos ao seu redor e ter a compreensão do mundo, trazendo a sua participação e ação no meio em que está inserida.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

Para Vygotsky (2007), a imaginação é uma função psicológica essencial no desenvolvimento infantil, pois permite à criança criar novas realidades a partir das experiências vividas. Ao ouvir histórias, a criança exercita essa capacidade, o que contribui para sua criatividade, resolução de problemas e construção simbólica do mundo.

Para uma história despertar o interesse e atenção de uma criança é necessário que a mesma consiga aguçar a sua curiosidade, que traga um envolvimento com a temática trabalhada e vivências das crianças. É de extrema relevância a utilização de recursos concretos que colaborem para o melhor aproveitamento dos momentos de contações de histórias. Oliveira (2018) diz que

> a utilização de materiais concretos e a aproximação com a realidade da criança são estratégias que possibilitam o encantamento, despertam o interesse e promovem uma participação ativa durante a contação de histórias (p. 42).

Assim, a contação de histórias na Educação Infantil deve ser atrativa e lúdica, alternando recursos diferenciados a cada contação, como colchas, palitoches, dedoches, teatro, fantoches, luvas, entre outros. Essa diversidade de estratégias torna o momento da contação mais lúdico, envolvente e interessante, estimulando a imaginação e a atenção das crianças, desenvolvendo sua capacidade de escuta, e "contribuindo para o desenvolvimento da linguagem" (Santos, 2010, p. 58).

Viver e reviver experiências imaginativas e fantasiosas é fundamental na infância, pois amplia o universo simbólico da criança e abre espaço para múltiplas possibilidades de criação. O uso de diferentes recursos na contação de histórias, especialmente no contexto escolar, torna esse momento mais atrativo e prazeroso. Para que isso ocorra de forma significativa, é indispensável a intervenção do professor, que deve conduzir a atividade como parte integrante do processo de ensino e a aprendizagem.

Kishimoto (2011) afirma que o faz de conta, a fantasia e a imaginação são dimensões fundamentais no desenvolvimento infantil, pois promovem a criatividade, a expressão simbólica e o aprendizado significativo. A mediação do professor, ao utilizar recursos variados e adequados, contribui para que as crianças se envolvam

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

emocional e cognitivamente com a narrativa.

A partir do exposto acima formulou-se a seguinte questão de pesquisa: De que forma práticas lúdicas, durante a contação de histórias, na educação infantil, contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças?

Este estudo tem como objetivo geral analisar a contribuição de contar histórias, utilizando recursos lúdicos para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças da Educação Infantil.

A partir do objetivo geral, destaca-se como objetivos específicos: investigar como a contação de histórias contribui para o progresso da linguagem oral das crianças; investigar como as práticas lúdicas associadas à contação de histórias contribuem para uma melhor interação entre as crianças e; analisar as formas como as crianças expressam ou não as emoções e sentimentos trabalhados nas histórias.

2. Metodologia

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa de intervenção pedagógica, de campo em relação ao local de coleta de dados e descritiva em relação aos objetivos.

Segundo Deslandes (1994), as pesquisas qualitativas partem do princípio de que tudo pode ser considerado como dado passível de análise. Dessa forma, buscam extrair informações por meio do estudo aprofundado da realidade, utilizando-se de observações e investigações como principais formas de coleta de dados. Ainda, de acordo com Minayo *et al.* (2012) a pesquisa com abordagem qualitativa mergulha no mundo dos significados das ações e relações humanas, é subjetiva e essa subjetividade é vista como parte integrante da singularidade do fenômeno investigado.

De acordo com Damiani *et al.* (2013), a pesquisa do tipo intervenção pedagógica consiste no planejamento e na implementação de interferências (mudanças, inovações), destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam, e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências.

A pesquisa de intervenção pedagógica envolve o planejamento e a aplicação

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

de interferências por parte do pesquisador com o objetivo de melhorar os processos de aprendizagem dos participantes (Damiani *et al,* 2013). As intervenções ocorreram na forma de oficinas de contação de história uma vez por semana, em turmas de maternal II, nível A e nível B, com crianças com idades entre 3 e 5 anos.

A pesquisa de campo, de acordo com Gonçalves (2001, p. 67), é caracterizada pela busca de informações diretamente junto à população pesquisada. Para isso, é necessário que o pesquisador vá ao local onde o fenômeno acontece ou aconteceu, reunindo dados que serão cuidadosamente documentados.

Segundo Minayo (2014), a pesquisa descritiva se dedica a representar as realidades do campo social, visando caracterizar, com precisão, os fenômenos observados.

2.1 AS CRIANÇAS PARTICIPANTES

De acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a educação infantil está dividida em três grupos: os bebês (zero a 18 meses), crianças bem pequenas (19 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) (Brasil, 2017). Sendo assim as turmas onde as intervenções ocorreram foram de crianças bem pequenas e de crianças pequenas.

As crianças participantes eram integrantes de quatro turmas de Educação Infantil, Maternal II A com 15 crianças, sendo 8 meninos e 7 meninas, com idade entre 2 e 3 anos de idade; nível AI com 17 crianças, sendo 9 meninos e 8 meninas, com idade entre 4 e 5 anos de idade; nível BI com 18 crianças, sendo 10 meninos e 8 meninas, com idade entre 5 anos e 5 anos e 11 meses de idade e por último, nível BII com 17 crianças, sendo 9 meninos e 8 meninas, com idade entre 5 anos e 5 anos e 11 meses de idade.

A turma de maternal II é uma turma de crianças bem pequenas (2 e 3 anos), algumas ainda usam fralda. É uma turma de crianças participativas e que desenvolvem as atividades com entusiasmo. São crianças, e como crianças são alegres, motivadas, inspiradas, como todas as crianças e suas infâncias deveriam ser.

Ao chegarem na escola as crianças bem pequenas encontram um lugar diferente do que estão acostumadas, longe do seu meio familiar, portando deve-se

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

respeitar sempre suas vivências e nunca esquecer que as crianças não são como folhas em branco, trazendo consigo subjetividades e experiências diferentes.

As crianças das turmas do nível AI, nível BI e BII são crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses), "sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva." (Brasil, 2017, p. 37)

A turma do nível AI, é participativa, realiza as atividades com entusiasmo e capricho. Possui duas crianças inclusas, são dois meninos autistas com suporte de duas auxiliares. A turma de nível BI, participa ativamente dos momentos da contação de história, respondem os questionamentos e realizam os registros com dedicação e atenção. A turma do nível BII é uma turma de crianças alegres, carinhosas, atentas e participativas, realizam os registros com capricho e com cuidado aos detalhes.

Como é destacado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), é "fundamental compreender a criança pequena como sujeito de direitos e como pessoa em desenvolvimento integral, cujas experiências devem ser respeitadas, valorizadas e ampliadas no ambiente educacional". (Brasil, 1998, p. 21)

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola de Educação Infantil na região central do município, fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul.

A instituição como um todo, é bem-organizada, limpa e possui uma estrutura bem conservada. As salas de aula são amplas e apresentam uma organização adequada, com armários de brinquedos e materiais de fácil acesso para as crianças. Horn *et al*. (2014) destacam a importância de a sala de aula ser organizada de forma a possibilitar às crianças exercerem sua autonomia, permitindo que manuseiam os materiais disponíveis para elas. Observa-se que houve uma intencionalidade pedagógica na organização e escolha dos móveis, que são apenas os necessários, permitindo a movimentação das crianças livremente pela sala. A organização do ambiente passa a mensagem de que as crianças não dependem do adulto para atividades básicas como uma pia para lavar as mãos (existe uma dentro de cada sala de aula). Essa mesma organização auxilia as crianças a se organizarem mentalmente. Nas paredes a professora regente colocou alguns painéis utilizados

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

para atividades como a chamada, o calendário, a previsão do tempo e a contagem de alunos presentes naquele dia. Há também um alfabeto de referência acima do quadro, além dos numerais. Mas, o mais importante é que as produções das crianças ficam expostas nas paredes, suas garatujas, seus rabiscos são valorizados.

As salas de aula são bem iluminadas, e bem arejadas, criando um ambiente limpo e agradável para as crianças, que se sentam em grupos o que facilita a interação entre elas. Essas interações ocorrem de diversas formas, como por meio da linguagem oral, gestos e brincadeiras, favorecendo o desenvolvimento de laços de convivência e socialização entre as crianças. Por outro lado, não são notados espelho, almofadas e livros, esses últimos itens são importantes mesmo que as crianças não sejam leitoras autônomas. Esses materiais deixariam o ambiente mais acolhedor e convidativo a novas descobertas por parte das crianças.

Um ambiente acolhedor e lúdico é fundamental para a construção de diversos saberes na educação infantil, pois torna o espaço agradável e estimulante (Pedroza, 2005). Nota-se que tanto a presença do lúdico quanto a afetividade são elementos marcantes nas salas de aula da escola.

A área externa da escola é ampla e conta com um espaço de recreação com areia e brinquedos, além de um pátio com árvores que fornecem sombra nos dias mais quentes, permitindo o contato das crianças com a natureza. O local também dispõe de bancos e uma quadra com grama sintética. Com essa infraestrutura, é possível realizar práticas pedagógicas ao ar livre.

2.3 O REGISTRO DAS INTERVENÇÕES E OBSERVAÇÕES DAS CRIANÇAS

As oficinas de contação de histórias e a observação das crianças aconteceram às terças-feiras, no turno da manhã, das 8h às 11h 45 min, onde permanecia-se por uma hora em cada turma. Além da contação de histórias havia uma outra atividade, o registro da história onde as crianças realizavam algum desenho, ou pintura relacionados com a história contada.

O período delimitado para a realização das observações e intervenções foi março a junho de 2025 sendo que até o mês de junho foram contadas dez histórias. As histórias contadas foram: A escolinha do mar (Ruth Rocha); Rita não grita (Flávia Muniz); Pedrinho pintor (Ruth Rocha); Faz muito tempo (Ruth Rocha); A família que

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

morou dentro de um sapato (Jéssica Lancoski); Atum o gato grato (Thais Laham); Primeira semana na escola de vacas (Andy Cutbill); Pipo e Fifi (Caroline Arcari); O Casamento matuto da bicharada (Niéla Ribeiro) e por fim a história "O sonho da bandeirinha amarela."

A oficina de contação de histórias é realizada em dupla, onde juntamente com uma colega é feito o planejamento e a contação de histórias. Como as histórias foram contadas em quatro diferentes turmas, intercalou-se a contação, portando cada uma faz a contação duas vezes por manhã, e enquanto uma faz a contação a outra organiza e orienta a atividade de registro com as crianças.

Um diário de campo foi utilizado para registrar as observações das reações e participação das crianças. Esse registro, foi propositalmente realizado quase que imediatamente após cada atividade. A intenção era não deixar passar os detalhes percebidos, as falas, os silêncios, os gestos e as expressões das crianças. Conforme Minayo (2012, p. 71), o Diário de Campo, "nada mais é do que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as coisas que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades".

Além do diário de campo também se utilizou imagens e vídeos para fins de análise das reações das crianças.

3. Resultados e Discussão

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a contribuição de se contar histórias, utilizando recursos lúdicos para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças da Educação Infantil.

Para isso foram traçados três objetivos específicos: investigar se a contação de histórias contribui para o progresso da linguagem oral das crianças; investigar como as práticas lúdicas associadas à contação de histórias contribuem para uma melhor interação entre as crianças; analisar as formas como as crianças expressam ou não as emoções e sentimentos trabalhados nas histórias. A partir dos objetivos específicos emergiram 3 categorias temáticas: a contação de histórias e a expansão do universo linguístico das crianças; a contação de histórias como prática

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

pedagógica promotora da interação entre as crianças; a contação de histórias como estímulo ao desenvolvimento afetivo das crianças: a mediação da professora.

No total foram contadas 10 histórias, no período entre março e maio de 2025 (Quadro 1), totalizando 40 horas de contação de histórias. As histórias foram selecionadas levando-se em conta a faixa etária das crianças.

No quadro 1 apresenta-se o tema da história, o nome da história contada e o recurso Imagem

Quadro 1 Histórias contadas, respectivos temas e o recurso lúdico utilizado

Tema	História relacionada	Estratégia lúdica utilizada
1 – Importância do respeito, amizade e educação na vida das crianças	A escolinha do mar (Ruth Rocha)	Painel representando o fundo do mar e animais feitos de EVA.
2 – Importância de lidar com as próprias emoções e de se relacionar bem com os outros	Rita não grita (Flávia Muniz)	Boneca representando a Rita
3– Páscoa	Pedrinho pintor (Ruth Rocha)	Coelho de pelúcia representando o Pedrinho
4- Chegada dos portugueses e dos povos indígenas	Faz muito tempo (Ruth Rocha)	Caravela e Remo onde teve um momento de encenação.
5- Família	A família que morou dentro de um sapato (Jéssica Lancoski)	Sapato gigante e personagens da história feitos de Eva.
6- Respeito, gratidão e profissões	Atum o gato grato (Thais Laham)	Gato feito de Eva, desenhos das profissões citadas na história.
7- Escola- Semana do aniversário da escola	Primeira semana na escola de vacas (Andy Cutbill)	A principal personagem da história, a “Vaca”, feita de caixa de papelão.
8- Prevenção contra a Violência e Abuso sexual infantil	Pipo e Fifi (Caroline Arcari)	Confecção de uma luva com 10 dedos, onde cada dedo simbolizava um sentimento, boneca e musicalização.
9- Festejos Juninos	O Casamento matuto da bicharada (Niéla Ribeiro)	Lata decorada de onde se desenrolava a história a ser

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

		contada e brincadeiras alusivas a festa junina.
10- Elementos da festa junina	O sonho da bandeirinha amarela	Palitoches com a história em formato de bandeirinha de festa junina, ateliê das bandeirinhas (momento em que as crianças enfeitaram as bandeirinhas, expressando a sua criatividade.

Fonte: Autoras (2025)

CATEGORIA 1: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A EXPANSÃO DO UNIVERSO LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS

Nesta categoria, foram analisadas as contribuições da prática da contação de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral e da ampliação do vocabulário das crianças da Educação Infantil. Os dados foram obtidos por meio de observações em sala de aula.

Sabe-se da importância e relevância do ato de contar histórias, pois a partir da contação é possível promover o exercício da oralidade, socialização e interação entre as crianças.

A literatura infantil se destaca como uma das principais formas de proporcionar acesso ao conhecimento e à informação às crianças, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Por meio dos livros, são apresentadas diferentes culturas, com suas histórias e seus personagens, ampliando significativamente o repertório da criança (Dantas, 2019).

As observações evidenciaram que, durante as sessões de contação de histórias, as crianças demonstraram interesse e engajamento, participando ativamente por meio de perguntas, comentários espontâneos e recontagens das narrativas ouvidas (Imagem 1).

Carneiro e Souza (2022), consideram a contação de história uma importante forma de apresentar e introduzir o texto à criança leitora, sendo que as crianças começam a perceber que muitas vezes a história ouvida surge a partir de um texto escrito. Brandini, Royer e Garcia (2022) enfatizam a importância de se explorar os

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

conhecimentos prévios dos alunos, e de se fazer conexões com outros textos já lidos, percebendo a contação de histórias como uma atividade significativas e potente.

Em diversos momentos, foi possível perceber o uso de novas palavras pelas crianças, bem como a construção de frases mais complexas, especialmente após a mediação da contação realizada e posteriormente com as intervenções e perguntas que estimulavam a reflexão sobre as histórias contadas.

Outro ponto observado foi o aumento na produção oral espontânea durante rodas de conversa e momentos de socialização. Observou-se que as crianças que inicialmente apresentavam menor participação oral passaram, gradativamente, a expressar-se com mais clareza, utilizando frases completas e incorporando vocabulário proveniente das histórias trabalhadas em sala de aula.

A contação de histórias é um recurso importante na formação dos hábitos de leitura de crianças, uma vez que desperta a curiosidade pelos livros desde cedo (Presotto, 2022) e demanda o entendimento e o acompanhamento do enredo e das falas, tornando-se um momento crucial de leitura ouvida.

Imagem1. Sessão de contação de história com participação ativa das crianças



Fonte: Autoras (2025)

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

Foi possível perceber que a contação de histórias favoreceu não apenas o enriquecimento do repertório lexical das crianças, mas também o desenvolvimento da coerência e coesão na fala, já que muitas delas começaram a estruturar melhor seus discursos, utilizando conectivos e sequências lógicas em seus relatos. Essa evolução foi especialmente notada nas atividades de reconto oral e questionamentos, nas quais as crianças retomavam as narrativas com fidelidade e certeza, mas também inseriam elementos de sua imaginação, demonstrando criatividade e domínio progressivo da linguagem.

Neste cenário, a contação de histórias se constitui como uma prática pedagógica rica e significativa, que contribui efetivamente para a expansão do universo linguístico das crianças na Educação Infantil, fortalecendo aspectos essenciais da linguagem como a escuta, a oralidade, o vocabulário e a capacidade de expressão simbólica.

CATEGORIA 2: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PROMOTORA DA INTERAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS

A preparação da história a ser contada pela professora contribui para a interação entre as crianças na medida em que a escolha da história, dos recursos, da forma de apresentação e do ambiente, influencia na atenção que a criança vai dispensar à história, e consequentemente na interação da criança tanto com a professora quanto com os colegas (Cardoso, 2016). Durante a contação, é normal que as crianças se dispersem, sendo responsabilidade da professora trazê-las de volta para a atividade, usando recursos como: modulação da voz, dando ênfase em alguns momentos; fazer perguntas; caracterizar-se; levar adereços; dar pistas quando perceber que a compreensão está difícil; proporcionar a participação delas de forma bem elaborada e, principalmente, organizar as crianças em roda para que todas consigam ouvir claramente, conforme o Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI) (Brasil, 1988).

Kishimoto (1995) afirma que a contação de histórias favorece a convivência e a socialização, permitindo que as crianças se expressem, escutem o outro e cooperem durante as atividades narrativas.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

Durante as sessões de contação de histórias, foi possível observar que o ambiente se tornava mais acolhedor e participativo, com as crianças interagindo não apenas com a professora, mas também entre si. Muitas vezes, durante a narrativa, elas trocavam olhares, sorrisos e comentários espontâneos sobre os personagens ou os acontecimentos. Essas interações ocorriam tanto no momento da escuta quanto após a atividade, nos momentos de reconto, dramatizações ou brincadeiras livres inspiradas na história.

As observações em sala de aula mostraram que, ao serem convidadas a recontar as histórias, as crianças desenvolviam habilidades de escuta ativa, respeito à fala do outro **e** cooperação. Além disso, as sessões de contação de histórias desempenharam papel significativo na dinâmica das relações sociais entre as crianças. Desde os momentos iniciais da narrativa, notou-se uma disposição natural das crianças para aproximarem-se umas das outras, sentarem-se juntas, comentarem em voz baixa sobre os personagens ou anteciparem trechos da história, demonstrando envolvimento conjunto. Pode-se inferir que além de proporcionar maior interação entre as crianças, a atividade promoveu momentos afetivos, concordando com Freire (1997), quando diz ser a afetividade o território dos sentimentos, das emoções, por onde circulam os medos, interesses, alegrias.

Durante o reconto oral em grupo, as interações se intensificavam. As crianças demonstravam prazer em recontar juntas e complementar as falas umas das outras, por vezes corrigindo com cuidado e ajudando colegas que esqueceram partes da narrativa. Esse comportamento aponta para o desenvolvimento de habilidades colaborativas e comunicacionais, importantes para a convivência escolar.

Portela, Chaves e Oliveira (2024) analisaram o significado de recontar a história para a criança e observaram que ao compartilhar a história com outras crianças e com a professora, a criança adiciona detalhes, modifica personagens e experimenta emoções relacionadas aos personagens e eventos do conto, possibilitando que a narrativa se torne uma experiência pessoal e afetiva.

Dessa forma, quando a história contada é carregada de elementos lúdicos, estimula a criança ao reconto da história, algumas vezes através de desenho, com mais entusiasmo, mais detalhes, favorecendo a interação e o fortalecimento de vínculo entre as crianças e entre as crianças e a professora.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

CATEGORIA 3: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTÍMULO AO DESENVOLVIMENTO AFETIVO DAS CRIANÇAS: A mediação da professora

Para Carmo (2025), a contação de histórias proporciona à criança situações em que vivencia diversos sentimentos e onde auxilia na resolução de conflitos. Além disso, “espelhar-se em personagens que tenham vidas sofridas ou traçado objetivos podem ser suportes quando necessitarem resolver questões internas” (p. 162).

Conforme Abramovich (2008, p. 16) “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”, sejam essas histórias lidas, a partir do texto escrito, ou contadas oralmente.

A partir e das observações, foi possível perceber que o ambiente afetivo gerado pela narrativa contribui não apenas para o bem-estar emocional das crianças, mas também para o desenvolvimento de valores como solidariedade, respeito e cuidado com o outro. Histórias que abordavam temas como amizade, perda, coragem ou medo geravam comentários e reflexões espontâneas por parte do grupo, promovendo trocas significativas entre os colegas (Imagem 2).

Imagem 2. Atividade “Liberando o meu sentimento” no pátio da escola



Fonte: Autoras (2025)

Segundo Zilberman (2003), as histórias infantis exercem um papel de grande importância na socialização das crianças, pois refletem comportamentos, atitudes e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

valores que contribuem para a formação ética e o desenvolvimento da afetividade.

Durante as sessões de contação de histórias, observou-se que os momentos narrativos favoreciam a expressão de sentimentos, a empatia e o acolhimento entre os pares, independentemente da idade da criança. Muitas crianças verbalizavam emoções ao se identificarem com personagens ou situações retratadas nas histórias. Relatos como "*a tartaruga tirava todo o lixo do fundo do mar e cuidava do meio ambiente, a minha mãe separa o lixo em casa e eu ajudo*", demonstrando assim a identificação e relação com a realidade. Esse tipo de resposta indica que as histórias funcionam como um espelho simbólico, no qual a criança reconhece, elabora e compartilha suas vivências.

Segundo Oliveira (2018), a narrativa infantil possibilita à criança projetar-se simbolicamente nas situações vivenciadas pelos personagens, promovendo um espaço de expressão emocional, identificação e elaboração de experiências pessoais, o que contribui para o desenvolvimento da empatia e do vínculo com o outro.

Wallon defende que a afetividade tem um papel indispensável no processo de desenvolvimento da personalidade e desenvolvimento da criança, sendo que a criança tem a capacidade de ser afetada, através de sensações boas e ruins (Almeida, 2007). Considerando que a primeira infância é uma fase de extrema importância no desenvolvimento integral da criança, torna-se indispensável que a professora proporcione experiências significativas para a criança. Na primeira infância a criança tem formada toda a sua **estrutura emocional e afetiva,** desenvolvendo áreas fundamentais do cérebro relacionadas à personalidade, ao caráter e à capacidade de aprendizado.

A intervenção de contação de histórias tornou perceptível o papel essencial do professor como mediador entre o universo simbólico da narrativa e a realidade vivida pelas crianças. O professor é quem seleciona, interpreta e dá vida às histórias, cria oportunidades para que os pequenos reflitam, imaginem, interajam e se reconheçam nas histórias apresentados. O seu envolvimento afetivo e pedagógico é determinante para o sucesso da atividade. Cabe ao professor reconhecer o valor da literatura infantil como instrumento de mediação e aprendizagem, integrando-a de forma intencional e afetiva ao cotidiano pedagógico.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

Além disso, o olhar atento do professor durante a contação de histórias faz toda a diferença na qualidade da experiência vivida pelas crianças. Enquanto narra, o professor observa as reações, percebe os sentimentos expressos e não verbalizados, e ajusta sua linguagem e ritmo conforme o envolvimento do grupo. Esse olhar sensível permite que o momento da narrativa vá além da escuta passiva, tornando-se um espaço de escuta ativa, acolhimento, construção de vínculos e aprendizagem significativa.

Diante disso, é possível compreender que a contação de histórias não é apenas um momento de "distração e entretenimento" para as crianças, mas também atua como uma ferramenta essencial no seu desenvolvimento afetivos. Ao se reconhecerem nas situações narradas, elas elaboram emoções, fortalecem vínculos e desenvolvem atitudes de empatia, respeito e cuidado com o outro, aspectos fundamentais para sua formação integral e para a construção de relações saudáveis no ambiente escolar.

Portanto, a contação de histórias na Educação Infantil deve ser compreendida como uma prática educativa que vai além do aspecto lúdico, assumindo um papel central na formação emocional e social da criança, contribuindo para o seu desenvolvimento integral, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Assim, a contação de histórias, utilizando artefatos lúdicos, promove momentos de alegria, descontração, interação, descobertas e até mesmo desconfortos que ao serem recontados e repassados para outros personagens imaginários da criança, atuam no desenvolvimento da afetividade.

4. Conclusão

A questão norteadora desta pesquisa foi: de que forma práticas lúdicas, durante a contação de histórias, na educação infantil, contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças?

Respondo que, quando a história contada é carregada de elementos lúdicos, estimula as crianças ao reconto da história, algumas vezes através de desenho, com mais entusiasmo, mais detalhes, favorecendo a interação e o fortalecimento de

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

vínculo entre as crianças e entre as crianças e a professora, favorecendo o seu desenvolvimento social.

Também observei que a contação de histórias, utilizando artefatos lúdicos, promoveu momentos de alegria, descontração, interação, descobertas e até mesmo desconfortos que ao serem recontados e repassados para outros personagens imaginários da criança, atuaram no desenvolvimento da afetividade, contribuindo para o seu desenvolvimento emocional.

Evidenciei que a contação de histórias constitui uma prática pedagógica rica e significativa, que contribui efetivamente para a expansão do universo linguístico das crianças na Educação Infantil, fortalecendo aspectos essenciais da linguagem como a escuta, a oralidade, o vocabulário e a capacidade de expressão simbólica, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo.

Assim, ao longo da experiência, observei avanços expressivos nas crianças, de todas as turmas, em diferentes dimensões do desenvolvimento. No campo da linguagem, destaco o enriquecimento do vocabulário e a ampliação das habilidades comunicativas. No aspecto social e afetivo, as histórias favoreceram a interação entre os pares, o respeito às diferenças, a expressão de sentimentos e o fortalecimento dos vínculos. A contação de histórias na Educação Infantil, com elementos lúdicos, transcendeu o papel de recurso didático, configurando-se como uma prática essencial para a formação da criança como pessoa sensível, criativa e pensante.

A experiência em participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem sido um constante aprendizado tanto dentro como fora da escola. A observação da turma para conhece-la e adequar o planejamento das aulas às suas necessidades, a pesquisa por atividades apropriadas à faixa etária das crianças, as orientações da supervisora, as correções dos relatórios por parte da coordenadora, as conversas e combinações com a minha colega pois trabalhamos em duplas, uma vez o programa teve a preocupação de não nos deixar sozinhas em uma vez que estamos iniciando na docência, quantas variáveis externas à sala de aula propriamente dita tem trazido contribuições importantes para o meu crescimento. Quando me remeto à sala de aula, à educação infantil, minha responsabilidade aumenta, e consequentemente meu aprendizado. Essa

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

experiência no PIBID foi o que faltava para eu considerar o trabalho realizado na educação infantil um trabalho de imensa responsabilidade, que poderá impactar positivamente ou negativamente na vida de uma criança que está nos “anos de ouro” de seu desenvolvimento. Esta responsabilidade me impulsiona a pesquisar por atividades recheadas de ludicidade, pois educação infantil se trata de brincar, de interagir, de cuidar e de educar e acredito que seja isso que deva guiar a todos que trabalham com as crianças na primeira infância. A partir das observações realizadas, constatou-se que a contação de histórias é uma prática pedagógica enriquecedora, capaz de promover aprendizagens significativas por meio do lúdico, do encantamento e da escuta ativa.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil** – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC / Uni versidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. **LDB** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v. Volume 1.

BRASIL. Ministério da educação; secretaria de educação básica **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009. 36 p.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BRITES, Luciana. **Como Melhorar a Concentração das Crianças**: Dicas para Estimular o Foco na Educação Infantil. Instituto NeuroSaber. 2024.

CAMPOS, Maria Malta. **A creche e a pré-escola no Brasil: uma abordagem política e pedagógica**. São Paulo: Ática, 2000.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches. **A Contação de Histórias no desenvolvimento da educação**, 2016.

CARMO, Diego do. Contação de histórias na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento cognitivo no processo de alfabetização. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 11, n. 3, p. 159–168, 2025.

CHAGAS, Mayara Resende et al. A contação de histórias na educação infantil e o desenvolvimento da criança. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 6269-6277, 2024.

DANTAS, E. L. A. **A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores.** Revista Caparaó, v. 1, nº 2, p. e12, 2019.

DESLANDES, S. F. **A construção do projeto de pesquisa**. In: DESLANDES, S. F.;
CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRAZAO, Rosely Maria Morais de Lima; FÉLIX, Mackleyde de Brito; SANTOS, Rosiane Maria Barros. As narrativas literárias na Educação Infantil: com literatura e imaginação podemos mudar o Brasil. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 43, 10 de novembro de 2020.

FREIRE, João Batista. Educação de Corpo inteiro. **Teoria e prática da Educação Física.** São Paulo. Scipione, 1997.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; NASCIMENTO, Cláudia Roquini. Formação literária docente: percepções a partir da leitura e da contação de histórias na

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

educação infantil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, *[S. l.]*, n. 23, p. 1–17, 2025. DOI: 10.47249/rba2025832.

HORN, Caudia Inês. et al. **Pedagogia do brincar** Porto Alegre: Mediação, 2014.

KISHIMOTO, T.M. Recuperando a história da educação infantil em São Paulo. **Revista Escola Municipal,** São Paulo, ano 18, n. 13, p. 6-10. 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida**. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MÁXIMO-ESTEVES, Lídia. **Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história**. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.

MARTINS, Eliane Debus. **Literatura infantil: a construção do leitor nas primeiras séries**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2017.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades Lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: Minayo. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes. 2012. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de**. Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida de. **A contação de histórias como recurso pedagógico na Educação Infantil.** Curitiba: Appris, 2018.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho e representação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean**. O nascimento da inteligência na criança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEDROZA, R. L. S. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar**. Rev. Dep. Psicol., Passo Fundo: Ed. UFF, v. 17, n. 2, p. 61-76, dez. 2005.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/z3p1qb82

PORTELA, Regina Lúcia; CHAVES, Erika Silva; DE OLIVEIRA, Urânia Auxiliadora Santos Maia. Era uma vez, outra vez: a recontação dos contos de fadas sob o olhar de crianças de uma turma do ensino fundamental, anos iniciais. **Arte da Cena (Art on Stage)**, v. 10, n. 1, p. 152-166, 2024.

PRESOTTO, E. H. **A contribuição da contação de histórias na Educação Infantil: ação-reflexão-ação do ensino-aprendizagem**. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 13, nº 3, p. 471-480, 2022.

SANTOS, Fabiana dos**. Contação de histórias na educação infantil: encantamento, linguagem e imaginação.** São Paulo: Cortez, 2010.

TRUCCOLO, Adriana Barni; MACHADO, Nathália Blanco; QUINTANA, Tatiane Felipeto. Contação de histórias como ferramenta de cuidado e comunicação afetiva com crianças no contexto da pandemia. **Observatório de la economía latinoamericana**, v. 21, n. 5, p. 2774-2788, 2023.

UNICEF, Relatório **anual do Fundo das Nações Unidas para a Infância,** Brasília, 2023.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.